

Um olhar sem formação

Embora desejemos a modernidade, só conseguimos produzir exceções na massa esteticamente analfabeta

Ronaldo Reis

Um breve exame do ambiente cultural brasileiro nos conduz à suspeita da existência de uma redoma pré-moderna envolvendo o olhar nacional. A ausência quase total de currículos, programas, metodologias e literatura voltados para a formação básica do olhar estético ou para a simples apropriação da linguagem visual confirma essas suspeitas. Faltam-nos menos genéricas do que a arte e sua importância na formação social para o trabalho e para o lazer. Falta-nos o conhecimento das possibilidades do futuro, porque no presente estamos inviabilizando projetos de leitura das nossas grandes e pequenas poéticas visuais.

Há anos tentamos nos convencer de que o futuro do país será grandioso, ainda que a evidência dos contrastes seja chocante: detemos o oitavo parque industrial do mundo e uma das mais altas concentrações de renda; um nível elevado de informatização na indústria e nos serviços. E, no entanto, somos conhecidos planetariamente como um país de analfabetos; as imagens da TV e da publicidade criadas no país são de altíssima qualidade, mas a maioria da população não pode apreciá-las integralmente. Grandiosidade e ambiguidade caminham juntas aqui.

Há décadas, europeus e americanos vêm se preocupando em educar sucessivas gerações para a possibilidade de uma civilização integrada predominantemente pela imagem. Por volta de 1910, o pintor Mondrian dizia que a valorização do binômio arte-vida faria com que a vida adquirisse mais equilíbrio, e a arte deixaria de ser uma espécie de "compensação" do espírito. Assim como a ciência, a arte passaria a integrar a vida como um valor inerente às ações humanas.

Mas, no Brasil, a questão permanece intocável. A arte foi e continua sendo supérflua. A criação,

produção e divulgação da imagem (estética ou não) comparece como um fim em si, destituída de mediações, de um trabalho criador. E, embora façamos um tremendo esforço para nos aproximar da modernidade, o máximo que conseguimos é produzir exceções, numa massa visualmente também analfabeta.

Nossa modernização tem sido superficial, efêmera e fundamentalmente deslocada de qualquer projeto coletivo. Passa, evidentemente, pelo solo árido onde estão enterradas, bem fundo, as raízes culturais das elites do país. Um solo há muito depredado pela ação do colonizador português e esterilizado pela ambição das elites colonizadas. Elas agem sempre de forma estratégica quando se trata de receber as poéticas do mundo. Para elas, a cultura é tão somente um fetiche.

Quanto a seu olhar atrasado, a estratégia das elites talvez seja uma questão de sobrevivência, pouco inteligente. Quando impedem a integração do ensino do ver ao ensino do ler, escrever e contar, tentam manter e exercer livremente o poder; reservam para si a exclusividade do acesso à criação e produção de imagens, ao domínio dos códigos de leitura e escrita visual, à tecnologia para produzi-los.

Trata-se de uma ação que surpreende pela mesquinha dos valores em jogo. Pensando agir espontaneamente, um homem das elites com um pouco mais de discernimento oferece a seus filhos bons livros ilustrados, acesso ao cinema de boa qualidade, vídeo e jogos eletrônicos, visitas a galerias de arte e aos museus daqui e do exterior. Entende que está oferecendo um "currículo", oculto por definição, como se fora um privilégio especialíssimo que vá distinguir seus filhos dos demais. Esse "currículo oculto" — desorganizado e assistemático — tem, para as elites brasileiras, duas funções primordiais: atende às exigências do espírito (sempre de acordo com o sistema da moda) e às necessidades de refinamento cultural (de acordo com as convenções dominantes). Assim, as elites reproduzem *ad infinitum* o procedimento da Corte Real Portuguesa, com seu périplo de artistas franceses exclusivos.

Recentemente, o poeta e crítico Ronaldo Brito chamou atenção para a impossibilidade de o cotidiano cultural brasileiro assimilar obras que detêm uma lição de atuação (Idéias/Ensaios de 22 de julho). Ele critica o

fato de obras de Sérgio Camargo, Iberê Camargo, Sérgio Weissman, entre outros, estarem diluídas publicamente, porque divulgadas com imagens *superficiais*. Manifesta-se por uma urgente reflexão sobre o modo de recepção das nossas grandes poéticas visuais.

Estamos incondicionalmente de acordo com a manifestação. Entretanto, até quando o sentido da urgência resistirá sem que a reflexão e a ação se voltem para a elaboração de uma política educacional que incorpore o ensino estético-visual na escola regular? Se há urgência, ela deve partir, sobretudo, da vontade política de erradicar o analfabetismo do olhar. E, se é possível considerar válida a hipótese de que o contorno pós-moderno da cultura tem permitido aberturas para a recuperação do tempo perdido, então poderemos aspirar para o olhar, no Brasil, uma condição mais elevada. Ou então só nos restará a obsolescência de uma aculturação arcaica e rarefeita, como disse o poeta.



A sofisticação da publicidade e seus produtos são inacessíveis à maioria da população pobre